

A vida de Assis Chateaubriand,  
um dos brasileiros mais poderosos do século XX

Fernando Morais

# CHATÔ O REI DO BRASIL

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1994 e 2011 by FERNANDO MORAIS

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

KIKO FARKAS

Imagen: Chatô de cartola com Iolanda Penteado (detalhe), Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Preparação

MARCOS LUIZ FERNANDES

Índice remissivo

GABRIELA MORANDINI

Revisão

JULIANE KAORI

RENATO POTENZA RODRIGUES

Atualização ortográfica

VERBA EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Morais, Fernando

Chatô : o rei do Brasil / Fernando Morais. — 4<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1977-6

1. Chateaubriand, Assis, 1892-1968 2. Jornalistas — Brasil  
— Biografia 1. Título.

---

11-10503

CDD-070.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Jornalista : Biografia e obra 070.92

2011

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1

Inteiramente nus e com os corpos cuidadosamente pintados de vermelho e azul, Assis Chateaubriand e sua filha Teresa estavam sentados no chão, mastigando pedaços de carne humana. Um enorme cocar de penas azuis de arara cobria os cabelos grisalhos dele e caía sobre suas costas, como uma trança. O excesso de gordura em volta dos mamilos e a barriga flácida, escondendo o sexo, davam ao jornalista, à distância, a aparência de uma velha índia gorda. Pai e filha comiam com voracidade os restos do bispo Pero Fernandes Sardinha, cujo barco adernara ali perto, na foz do rio Coruripe, quando o religioso se preparava para retornar à pátria portuguesa. Quem apurasse o ouvido poderia jurar que ouvia, vindos não se sabe de onde, acordes do *Parsifal*, de Wagner. No chão, em meio aos despojos de outros naufragos, Chateaubriand viu um exemplar do *Diário da Noite*, em cujo cabeçalho era possível ler a data do festim canibal: 15 de junho de 1556. De repente o dia escureceu completamente e ele sentiu algo úmido e frio encostado em seu pescoço.

O delírio fora interrompido pelo gesto do enfermeiro que esfregava um chumaço de algodão embebido em iodo na garganta do paciente. Ao lado, o cirurgião duvidara que aquele homem — o interno número 4695 — tivesse 67 anos, como informava a ficha do hospital. A pele alva era lisa, quase feminina, sem rugas nem estrias, contrastando com o pescoço pequeno e grosso, típico de nordestino. Através da janela de dez por dez centímetros cortada no centro do lençol cirúrgico que cobria o corpo da cabeça aos pés, só era possível ver, além do pescoço, as pontas salientes das clavículas. O rosto estava inteiramente oculto pelo lençol, sob o qual se desenhava o formato da máscara de baquelita que envolvia o nariz e a boca do paciente, dando ao perfil a aparência de um focinho. O tecido branco cobria parte de um tubo de borracha sanfonada que estava ligado a um tambor de aço, de cujo interior o único pulmão vivo do doente tentava desesperadamente sugar oxigênio para manter o organismo funcionando. A respiração estava ficando crítica, e se a cânula da traqueostomia não fosse introduzida logo, as chances de sobrevivência do paciente seriam nulas. O indicador e o polegar esquerdos do médico esticaram a pele abaixo do pomo de adão, es-

colhendo o anel da traqueia que seria seccionado pela incisão. Estendida para o lado, num gesto mecânico, a mão direita recebeu o bisturi, cuja lâmina em forma de meia-lua brilhava à luz forte do refletor preso no teto. Quando o cirurgião encostou o aguçado fio de navalha na garganta do doente, acabou a luz do hospital e a sala foi tomada por completa escuridão.

— Puta que pariu! — o médico levantou a mão direita num solavanco, como se tivesse levado um choque. — Mais um segundo e eu degolava o homem!

Indiferente ao palavrão, uma enfermeira saiu pela sala cirúrgica tateando o ar em busca da maçaneta da porta:

— Vou mandar ligar o gerador de emergência, doutor.

Antes que ela conseguisse sair, a luz voltou junto com o ruído de um gerador que começava a funcionar no porão da clínica. Mal-humorado, o médico dava ordens:

— Esterilizem os instrumentos de novo. Enfermeiro, me dê mais iodo, vamos começar tudo outra vez.

Não houve tempo para começar nada. O gerador engasgou uma, duas vezes, a luz piscou e apagou de novo. O médico desabafou, a voz filtrada pela máscara de linho que cobria metade do seu rosto:

— Não é possível! Alguém rogou praga neste sujeito. Se ele escapar desta, não morre nunca mais.

Inerte sobre a mesa de operação, imerso em coma profundo, jazia o jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, um dos homens mais poderosos do Brasil. Ele fora transportado para a elegante clínica Doutor Eiras, no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, na manhã do dia anterior, 26 de fevereiro de 1960, sob a falsa suspeita de estar sofrendo um infarto. O diagnóstico errado levou-o diretamente ao pronto-socorro cardiológico. Ao tentar reanimá-lo, um jovem médico de plantão comprimiu-lhe com tal força o tórax que uma das costelas trincou. Chateaubriand não reagiu à agressão, nem deu qualquer sinal de que fosse recobrar os sentidos. Assustado com a responsabilidade de ter nas mãos a vida de alguém tão importante, o estagiário pediu que chamasse com urgência o próprio dono do hospital. Meia hora depois chegaria um homem alto, magro, de nariz comprido, aparência melancólica e ombros curvados — o médico Abrahão Ackerman, um dos sócios da clínica e o mais famoso e festejado neurocirurgião brasileiro.

Ackerman cruzou cabisbaixo a pequena multidão de repórteres, políticos e mulheres elegantes que se amontoavam nos jardins em busca de notícias do ilustre moribundo. Atravessou sozinho a recepção, sumiu em uma porta e minutos depois reapareceu vestido de guarda-pó branco, levando na mão direita uma maleta de couro negro. Caminhou até o setor de cardiologia e já encontrou Chateaubriand cercado por uma dúzia de médicos e enfermeiros. Sem cumprimentar ninguém, ordenou:

— Tirem a roupa dele.

Enquanto os enfermeiros se esforçavam para mover aquele corpo inerte e

despi-lo do terno de linho branco, Ackerman tirou da malinha um pequeno instrumento de metal brilhante, como uma colher de café de cabo desproporcionalmente longo. Deu dois passos até a cama e iniciou um exame clínico sumário. Ao abrir as pálpebras do doente, deparou com duas pupilas baças que pareciam anunciar que aqueles olhos jamais veriam de novo o que quer que fosse. Mexeu a própria cabeça alguns centímetros para o lado, para permitir a incidência da luz do refletor sobre os olhos opacos, arregalados por seus dedos. Os cantos da boca de Ackerman caíram, dando à atenta e silenciosa plateia o primeiro indício de que a coisa ali não ia bem. Deu um passo, parou diante dos joelhos de Chateaubriand e martelou de leve sob cada uma das rótulas com o instrumento de metal, testando os reflexos: nada. Nenhum músculo se movia, nada respondia ao estímulo. Tirou um estetoscópio da maleta, fechou os olhos como se aquilo o ajudasse a ouvir melhor e auscultou o peito pálido do jornalista em vários lugares. Voltou à mesa lateral e olhou radiografias e papéis com resultados de exames. Com o ar cada vez mais preocupado, agachou diante da sola dos pés do doente e passou a dar batidas suaves na junção dos dedos com a planta dos pés, horizontalmente, na expectativa de que, como acontece com os macacos e os bebês recém-nascidos, os dedos agarrassem instintivamente o estilete roliço. Tentou em vão uma, duas, várias vezes, ora num pé, ora no outro. Derrotado pela inércia do corpo, Ackerman pôs-se de pé e, grave, anunciou o diagnóstico:

— Infelizmente não foi um infarto. Ele apresenta sinal de Babinski nos dois pés. Isso significa que o doutor Assis Chateaubriand sofreu uma lesão neurológica grave, provavelmente uma trombose dupla, que afetou seu cérebro bilateralmente. Tudo indica que ele esteja tetraplégico. O edema parece ter provocado também um distúrbio respiratório profundo: um dos pulmões já não funciona. Ele não vai sobreviver.

Os raros amigos íntimos e os auxiliares mais próximos de Chateaubriand já suspeitavam, nos últimos meses de 1959, que sua saúde não ia bem. Exímio remador e nadador, avesso à bebida e aos cigarros — que detestava —, gabava-se às gargalhadas de ter uma “saúde muar”. Em setembro daquele ano, no entanto, ele surpreendera a todos com um gesto que pareceu um presságio do que lhe aconteceria cinco meses depois: para espanto generalizado, assinou uma escritura pública doando a 22 empregados 49% do controle acionário do maior império de comunicações jamais visto na América Latina, os Diários e Emissoras Associados. A imprensa internacional noticiou que um “milionário excêntrico” havia dado um conglomerado de noventa empresas de presente a trabalhadores: dezenas de jornais, as principais estações de televisão, 28 estações de rádio, as duas mais importantes revistas para adultos do país, doze revistas infantis, agências de notícias, agências de propaganda, um castelo na Normandia, nove fazendas produtivas espalhadas por quatro estados brasileiros, indústrias químicas e laboratórios farmacêuticos, estes encabeçados pelo poderoso Schering. Dias antes do

anúncio da partilha ele, que nove anos antes tinha sido o pioneiro na instalação da televisão na América Latina, inaugurara a TV Piratini, em Porto Alegre, a sexta de sua cadeia e a primeira do Cone Sul. A colossal rede de comunicações se estendia do alto do rio Madeira, nos confins da selva amazônica, até Santa Maria da Boca do Monte, nas vizinhanças do Uruguai. Para alguns, a doação de um patrimônio tão valioso a empregados era “mais uma loucura do Chatô”, como era conhecido. Outros imaginavam que, vendo a morte se aproximar, Chateaubriand decidira se antecipar ao destino e resolver em vida o problema da sucessão nas suas empresas.

Embora ele jamais admitisse ter qualquer problema de saúde, os amigos comentavam discretamente, entre si, que os sintomas de distúrbios se tornavam cada vez mais frequentes. No começo de fevereiro o jornalista Carlos Castello Branco, columnista de sua revista *O Cruzeiro*, cruzou com o patrão na antessala da diretoria do Banco Nacional de Minas Gerais e ouviu o comentário do dono do banco, o mineiro José de Magalhães Pinto:

— Está acontecendo alguma coisa com o Chateaubriand. Ele engordou muito ultimamente e está com um ar meio aparvalhado. Na idade dele, isso pode ser um mau sinal.

A amiga paulista Maria da Penha Müller Carioba chamou a atenção do jornalista mais de uma vez para o inchaço no rosto, os esquecimentos imperdoáveis em alguém de memória tão atilada e a repetição desconcertante de um antigo cacoete: os cochilos em público. Ao longo da vida, espetáculos teatrais e discursos solenes sempre funcionaram como sonífero infalível para Chateaubriand, que costumava deixar de sobreaviso Irany, o fiel secretário particular que ele arrastava para onde fosse, a fim de evitar vexame maior:

— Enquanto for apenas um cochilo, deixe-me dormir em paz que eu acordo logo. Quando eu começar a roncar muito alto, chute minha canela sob a mesa.

Agora, entretanto, ele ressonava ao despachar com auxiliares, cochilava durante a assinatura de contratos importantes, já dormira até no meio de uma audiência com o presidente da República. Interrompia grosseiras descomposturas nos subalternos com o queixo enfiado no peito, olhos fechados, roncando — à sua frente, surpreso, o funcionário não sabia se ia embora ou se esperava de pé até que o patrão acordasse para encerrar o sermão. Depois vieram as vertigens. Em ambientes abertos ele andava normalmente, mas os espaços fechados, estreitos, faziam-no caminhar como um bêbado. Para vencer os quinze metros que iam do seu caótico gabinete ao elevador do prédio de *O Jornal*, na rua Sacadura Cabral, no centro do Rio de Janeiro, perdia o prumo e carambolava, quase trombando nas paredes. Os que suspeitavam de problemas circulatórios ou vasculares e se atreveram a aconselhar uma visita ao médico tiveram o desprazer de ver um bicho raivoso. Nesses momentos ele se transtornava. Rangia os dentes com tal violência que o ruído chegava a incomodar o interlocutor; sapateava os pequenos pés no chão e berrava palavras metralhadas com um sotaque nordestino tão carregado que poucos entendiam o que dizia. Aí também era possível conhecer outro

sestro peculiar — quando queria agradar, adoçar, o tratamento era “vosmecê”. Para ofender, “senhor” ou “senhora”, sempre:

— O senhor se meta com a sua vida. Não preciso de médicos e muito menos de conselhos.

Reconhecia a grosseria e recuava às gargalhadas:

— Estou muito bem, imagine. Quem pode atestar minha boa saúde são as mulheres. As mulheres! Não se preocupe, eu vou morrer no ar, vou explodir dentro de um avião, em pleno ar!

Indiferente às advertências, seguia como se nada o ameaçasse. Dividia o tempo entre a embaixada do Brasil em Londres — cargo para o qual havia sido nomeado pelo presidente Juscelino Kubitschek no final de 1957 — e o comando de seus negócios no Rio e em São Paulo. Para desconforto do ministro das Relações Exteriores, seu velho amigo Horácio Lafer, o tempo que passava no Brasil era infinitamente maior que o dedicado à embaixada. Altos funcionários de carreira do Itamaraty, inconformados com a entrega de um dos mais importantes postos da Chancelaria a um estranho à corporação, eram os primeiros a ironizar seu desempenho:

— Quem somar os dias que Chateaubriand passou em Londres nesses três anos descobrirá que na verdade ele é embaixador do Brasil na Inglaterra há apenas três meses — debochavam —, mas o Foreign Office prefere assim. Estando no Brasil ele causa menos constrangimentos à Chancelaria britânica.

Sua impaciência em permanecer na Inglaterra o tempo exigido pelo cargo fez com que, sendo ele o embaixador de direito, o posto fosse exercido de fato pelo ministro-conselheiro Antônio Borges Leal Castello Branco, irregularidade frequentemente denunciada pelos jornais que lhe faziam oposição. Chateaubriand dedicava a estas e outras críticas o mais olímpico desprezo. No máximo, repetia o clichê:

— Isso é coisa de comunistas, de índios botocudos. Gentinha atrasada, esses jornalistas brasileiros. Pensam como africanos...

Por mais tentadores que fossem os encantos da “Corte de Saint James”, como ele se referia à Inglaterra, era a sedução exercida pela política brasileira que o atraía permanentemente para o eixo Rio-São Paulo. Sobretudo naquele final de 1959: no ano seguinte haveria eleições presidenciais e em poucos meses seria inaugurada a chamada “obra do século” — Brasília, a nova capital brasileira, uma cidade nascida do nada, construída no meio do mato em três anos por Kubitschek. Mesmo sendo devedor ao presidente por sua nomeação para um dos mais cobiçados empregos do Brasil, Chateaubriand tornou-se um adversário público da mudança da capital. Ainda que permitisse a seus jornais cobertura jornalística simpática ao empreendimento, ele pessoalmente, em artigos assinados, era implacável nas críticas ao presidente, a quem chamava de “o faraó Kubitschek”. Alheio à ingratidão, Juscelino mantinha-o em Londres. Era um jogo que interessava a ambos: ter como embaixador na Inglaterra um ácido crítico de sua obra mais importante somava pontos à imagem que Kubitschek cultivava com carinho especial — o presiden-

te queria passar à história como um democrata, um estadista generoso, que não guardava ressentimentos pessoais. Chateaubriand, por seu lado, alimentava o mito de que seus jornais podiam defender posições opostas às do dono — muito embora essa aparente liberalidade editorial escondesse uma velha tática que ele adotava com habilidade havia meio século: acender uma vela para cada santo e, assim, garantir ao seu império sempre uma porta aberta em cada lado.

Mesmo tendo jurado, de maneira teatral, jamais pôr os pés na futura capital do Brasil, à medida que se aproximava a data da inauguração ele foi mudando de posição, argumentando que o mal maior — a construção — já estava feito e agora não restava outra alternativa senão ocupar a cidade. No fim do ano já era um defensor de Brasília. Na noite de Natal, enquanto vestia o smoking para ir a um jantar da alta sociedade carioca, brigou com seu amigo e principal repórter, David Nasser, exatamente porque o jornalista atacara a nova capital em artigos publicados na revista *O Cruzeiro*:

— Todo mundo já reconhece a grandeza de Brasília, de Furnas, de Três Marias. Só você insiste em ser contra, turco maldito. Só você, com esse seu eterno pessimismo. Por quê? Por que não muda de ideia, como eu mudei?

— Porque tenho a minha opinião.

— Opinião? Se você quer ter opinião, compre uma revista.

— Se o senhor está precisando de um jornalista sem opinião, compre um de salário mínimo. Eu me demito.

Chateaubriand largou sobre a cama a camisa nova, da qual catava alfinetes, e bateu carinhosamente no ombro do empregado:

— Não faça uma coisa dessas. Um louco como o Juscelino não merece o fim da nossa amizade. Estou lhe pedindo, por favor.

Nasser sabia que aquela conversa era uma espécie de jogo não combinado entre os dois. Ele se gabava de ter sido anti-Dutra quando o patrão era dutrista, anti-Vargas quando Chateaubriand defendia a permanência de Vargas, e agora atacava Kubitschek em pleno idílio do chefe com Juscelino. David Nasser ficou. Semanas depois Chateaubriand sairia a público para defender o presidente da “campanha pertinaz” que lhe movia *O Estado de S. Paulo*, que ele passara a chamar ironicamente de “o porta-voz do esquerdismo udenista”:

— O *Estado* agora deu de negar tudo o que a administração Kubitschek tem promovido pelo progresso do Brasil. Se alguém nesta terra tomasse a sério os vaticínios desse jornal, o abismo já haveria tragado este país. A sorte é que os leitores olham os articulistas do *Estado* como uma fauna delirante, recrutada entre o que o paroxismo partidário tem de mais doentio.

Se Assis Chateaubriand estava mal, como suspeitavam seus amigos, isso não transparecia em seus escritos e muito menos em sua febril atividade política. Quando foi nomeado embaixador em Londres, tentou em vão manter a cadeira de senador pelo estado do Maranhão, embora a Constituição fosse clara quanto à ilegalidade de alguém ocupar simultaneamente os dois cargos. Assumiu em Londres sem ter renunciado ao mandato parlamentar, que acabou sendo extinto

pela Mesa do Senado. Mas continuou fazendo política como se ainda fosse senador. O mesmo Kubitschek que ele defendera semanas antes era insultado nos primeiros dias de 1960 nas páginas de seus jornais. “Em vez de perturbar a vida da Brazilian Traction, que tanto tem feito por este país”, escreveu, “o presidente deveria se dedicar a arranjar titica de galinha para adubar nossos cafezais. Trabalhe duro, forte e feio em titica de galinha, presidente, que é o melhor que pode haver em matéria de esterco para a recuperação dos nossos cafezais.” Às vésperas da trombose, chamava Kubitschek de “pateta alvar” porque o presidente prometera pôr fim à condição do Brasil de fornecedor de matérias-primas para os países industrializados:

— Nesse ponto, minhas divergências com o presidente Kubitschek sempre foram as maiores e mais profundas. Por toda parte, na Inglaterra, me apresento com orgulho como produtor de algodão, café, milho, arroz e mamona. Se depender de mim, o Brasil continuará por mais trinta anos como produtor preferencial de matérias-primas.

Exageradamente elegante, Kubitschek responderia ao artigo malcriado com um convite para o jornalista ir a Brasília, ainda não inaugurada, participar da recepção que o governo ofereceria no Palácio da Alvorada ao presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, que ali iniciaria uma viagem oficial de quatro dias pelo Brasil. A deferência era completa: na manhã de terça-feira, 23 de fevereiro, Chateaubriand embarcou no avião presidencial em companhia da primeira-dama, Sarah Kubitschek, com destino à futura capital. No avião ia também um velho amigo seu, o banqueiro Walther Moreira Salles, então embaixador do Brasil em Washington. Dias antes, ao chegar ao Brasil para preparar a viagem de Eisenhower, Moreira Salles lera uma notinha em *O Jornal*, certamente escrita por Chateaubriand, em que era citado como “dono da segunda fortuna do Brasil”. Mineiro discreto, avesso a coisas desse tipo, ele aproveitou a viagem para cobrar do amigo a referência provocadora:

— Chateaubriand, por que você escreveu aquela bobagem? Você sabe que nem é verdade e sabe também que eu não gosto dessas coisas...

Ele admitiu o crime e, sem risos, revelou que a causa era a informação que chegara a seus ouvidos de que o Moreira Salles, o sólido banco do embaixador, andara arranjando dinheiro para o jornal *Última Hora*, de seu arqui-inimigo Samuel Wainer:

— Foi só uma advertência, Walther. Você sabe que neste país há dois homens de quem eu tenho ciúmes como se fossem mulheres: você e o Eugênio Gudin. E você anda me corneando com o Samuel Wainer.

Ao chegarem a Brasília, um aguaceiro desabava sobre a cidade — e foi com a barra das calças salpicada de lama que Chateaubriand almoçou com o presidente e o general Juraci Magalhães, governador da Bahia. Às duas da tarde, Kubitschek convidou os dois para o acompanharem na saudação que faria pelo rádio do helicóptero presidencial a Eisenhower, cujo avião já se aproximava da cidade. O presidente estava extremamente cordial: